

MINISTÉRIO DO TURISMO E CASA FIAT DE CULTURA APRESENTAM



ALEX FLEMMING ALINE BISPO ANTÔNIO BOKEL
ARTHUR BISPO DO ROSÁRIO ARTHUR SCOVINO
BETH MOYSÉS CLAUDIA ANDUJAR EFRAIN ALMEIDA
FLÁVIO DE CARVALHO GRUPO CORPO HÉLIO OITICICA
JUM NAKAO LEO PILÓ LEONILSON LÍDIA LISBOA
LYZ PARAYZO MARTIN LANEZAN NAZARETH PACHECO
REGINA GOMIDE GRAZ RONALDO FRAGA
ROSANA PAULINO TARSILA DO AMARAL
VICENTE DO REGO MONTEIRO YAN COPELLI

Entrepanos

CURADORIA
RICARDO RIBENBOIM
RACHEL VALLEGO

RUPTURAS DO MODERNO E CONTEMPORÂNEO
NA CASA FIAT DE CULTURA

DE 22.NOV.2022 A 12.FEV.2023



Trajes, vestes, roupas e tecidos nos servem de metáforas para nossa interação com o mundo — e com a poética do outro.

Em EntrePanos: rupturas do moderno e contemporâneo, o olhar se desloca, da condição pragmática do vestir, a uma dimensão artística, potencializando nossa capacidade de discutir temas essenciais à compreensão e à construção de nosso tempo.

Por meio da mostra, esta Casa materializa e leva ao público o seu propósito de conectar referências históricas e contemporâneas da arte e da cultura, intercambiando obras dos cenários mineiro e brasileiro que perfazem um arco de 100 anos.

Ao propor esse percurso entre roupas, tecidos e outros objetos e materiais, a Casa Fiat de Cultura faz um convite, a todas e a todos, para que contemplem e reflitam sobre tais manifestações da criação humana, que nos revelam rupturas e inovação.

Massimo Cavallo
Presidente da Casa Fiat de Cultura

Ao colocar em evidência a tela como superfície, a arte moderna rompeu definitivamente com o paradigma do ilusionismo da arte. Ou seja, passamos a olhar a arte como objetos em si, a experimentar com novos materiais e transformá-los para além da necessidade de representar. Significante e significado se entrecruzam, de mero elemento que recebe a camada de tinta da pintura, o tecido como categoria e como poética ganha visibilidade na arte contemporânea.

Especialmente concebida para a Casa Fiat de Cultura no ano em que se comemora o centenário da Semana de Arte Moderna de 1922, *EntrePanos* propõe uma experiência de apropriação, transgressão ou transmutação do têxtil como desejo de se apresentar esteticamente. Esse tecido que nem sempre é confeccionado com fios, adquire outras materialidades ao compor uma trama poética e se transforma no protagonista da experiência artística da exposição ora apresentada.

Como metalinguagem das camadas entre a pele e o pensamento, tecemos uma relação com as dimensões transcendentais dos Mantos, com momentos de Ruptura, com as transformações dos Suportes, e que permeiam as sutilezas dos Imaginários de nossos desejos, aspirações e fantasias ao evocar o têxtil em suas múltiplas facetas. Assim, trazemos referências históricas como a reprodução do manto usado por Tarsila do Amaral, o New Look de Flávio de Carvalho, a obra de Regina Gomide Graz em tecido, ou os desenhos de indumentárias e figurinos de Vicente do Rego Monteiro e Flávio de Carvalho para correlacionar arte moderna com a produção artística contemporânea.

Esse fio condutor perpassa as obras de Alex Flemming, Aline Bispo, Antônio Bokel, Arthur Bispo do Rosário, Arthur Scovino, Beth Moysés, Claudia Andujar, Efrain Almeida, Grupo Corpo, Hélio Oiticica, Jum Nakao, Leo Piló, Leonilson, Lídia Lisboa, Lyz Parayzo, Martin Lanezan, Nazareth Pacheco, Ronaldo Fraga, Rosana Paulino e Yan Copelli, que reformulam o uso do tecido em suas múltiplas facetas como elemento ativo de sua produção.

O que queremos evidenciar é que existe um eixo comum atemporal, que transcende a eterna tentativa de romper com os cânones da arte, para encontrar um espaço onde a singularidade da criação dialoga com temáticas de relevância contemporânea como sustentabilidade, gênero, etnia, identidade cultural e como essas discussões perpassam historicamente a produção artística.

Ricardo Ribenboim
Rachel Vallego
Curadores

mantos

ARTHUR BISPO
DO ROSÁRIO

ARTHUR SCOVINO

MARTIN LANEZAN

RONALDO FRAGA

TARSILA DO AMARAL

Do latim, *mantus*, vestimenta que se coloca por cima de outra, evoca tanto um sentido de proteção, defesa, quanto algo que se omite, que é ocultado pela cobertura. Seja manto, capa, poncho, véu ou túnica, as obras deste núcleo trazem alguns exemplos das metáforas do termo “manto”. Revela, assim, algo do transcendental, que não pode ser totalmente apreendido, capturado, mas busca refletir como o tecido adquire identidade que nos arrebatava e manifesta o sublime.

O percurso inicia com a reprodução do *Manteau Rouge* usado por Tarsila do Amaral na obra icônica de mesmo título. Aqui optamos por nos aproximarmos da obra pela materialidade. O manto visto como roupa acena para uma inversão da percepção histórica que desvela a construção da musa modernista.

Na obra de Arthur Bispo do Rosário o manto atinge sua alegoria maior: a afirmação de sua singularidade no momento do julgamento final. O manto bordado com cenas do universo imaginário de Bispo seria usado para se apresentar diante de Deus, transferindo um caráter sagrado a quem o veste.

Ronaldo Fraga bebe nessa fonte para criar o manto de Milton Nascimento para a última turnê de shows. Ilustrado com letras de músicas e cenas mineiras que eternizam o grande mestre da MPB. Já a performance de Arthur Scovino nos leva a refletir sobre o desprendimento do corpo, a sublimação da alma. Enquanto os ponchos de Martin Lanezan convidam o olhar para o fantástico como uma janela aberta que nos transporta no tempo e espaço.

rupturas

FLÁVIO DE CARVALHO

HÉLIO OITICICA

JUM NAKAO

LYZ PARAYZO

NAZARETH PACHECO

ROSANA PAULINO

Uma atitude crítica em relação ao passado costuma ser o propulsor dos processos de ruptura e transformação da sociedade. No caso da arte moderna, o desejo por novas experimentações artísticas disparou a tomada de consciência das vanguardas que buscavam autonomia das técnicas e dos materiais na busca por uma estética que refletisse os novos tempos. O século XX testemunhou uma profusão de tentativas de subversão dos padrões tradicionais, que buscavam chocar e escandalizar para assim reconstruir sob novas bases um sistema artístico independente.

Nos encontros e desencontros desse processo, essa breve recapitulação histórica visa refletir sobre como o conceito de ruptura reverbera na atualidade. Certamente os Parangolés de Hélio Oiticica corporificam esse conceito com excelência na arte contemporânea.

Sugerimos aqui um antecedente no New Look de Flávio de Carvalho, criado em 1956, como disparador de uma vontade pelo movimento radical imbuído nessa ação performática. Num outro extremo o desfecho dramático do desfile de roupas de papel de Jum Nakao reforça a efemeridade como elemento primordial do processo criativo.

A revisão desse diálogo histórico, marcado pela representatividade dos corpos negros escravizados é central na obra de Rosana Paulino que discute a necessidade de ruptura com uma visualidade colonizada. Nesse sentido, a obra de Lyz Parayzo também coloca em cena os corpos trans, bem como a obra de Nazareth Pacheco questiona sobre a hostilidade do vestir no desejo de adequação aos padrões sociais.

suportes

ALEX FLEMMING

ANTÔNIO BOKEL

BETH MOYSÉS

LÉO PILÓ

LÍDIA LISBOA

MARTIN LANEZAN

REGINA GOMIDE GRAZ

YAN COPELLI

Tipicamente chamamos de suporte o material de base, aquilo que sustenta ou no qual se registra algo. A tela de tecido para a pintura, o papel para o desenho ou a pedra para a escultura são exemplos clássicos. Conforme arte moderna e contemporânea passaram a questionar os valores e normas instituídos pela tradição, houve uma mudança de paradigma e uma gama muito diversificada de materiais passaram a ser considerados como estrutura e corpo da produção artística. Buscamos enfatizar aqui como de elemento invisível o suporte conquistou visibilidade e protagonismo como objeto do discurso.

Mas voltamos nosso olhar para o tecido, que passa a ser visto, manipulado, costurado e até mesmo pintado! A camisa de Alex Flemming traduz essa inquietação, como objeto e suporte ao mesmo tempo. Contudo, o têxtil muitas vezes é lido por seu caráter íntimo, feminino, doméstico, reiterando uma prática social que atribui gênero aos objetos. Ainda que a arte moderna tenda (infelizmente) a reforçar esse olhar, trazemos alguns exemplos que buscam transgredir esse lugar. Regina Gomide Graz é canônica nesse sentido. Ao usar o tecido como matéria-prima para construção da imagem, a obra funciona como uma metalinguagem desse processo de emancipação. Nessa mesma direção a obra de Beth Moyses transita politicamente pela condição feminina de uma intimidade velada. Lídia Lisboa parte da tradição artesanal do crochê e constrói invólucros cilíndricos que lembram casulos, mas que são habitados por seu corpo que os performa.

O vestido de Antonio Bokel recorre ao tecido e a pintura como cruzamento com a vida urbana e Yan Copelli vale-se da metonímia como recurso discursivo de seus objetos escultóricos. Pensando na sustentabilidade, Léo Piló usa de cartões de telefone públicos para criar um vestido, e o poncho de Martin Lanezan revela-se como uma paisagem-estandarte.

imaginários

ALINE BISPO

Faz parte da natureza humana criar histórias. A narrativa confere sentido a nossa existência, seja a partir de fatos ou da imaginação. Contamos histórias de todo tipo: fantásticas, acolhedoras, aterrorizantes, emocionantes, aventureiras... nem sempre importa se são possíveis de acontecer, o sonhar, divagar e imaginar nos permite viajar sem sair do lugar.

CLAUDIA ANDUJAR

EFRAIN ALMEIDA

Algo semelhante acontece com as obras de arte, se pudermos nos deixar atravessar e ser atravessados surge um espaço imantado, cria-se uma conexão para além da narrativa. É nesse momento que uma transformação pode acontecer: conscientização, novas perspectivas, aceitação das diferenças, renovação de valores. Há beleza nessa conexão.

FLÁVIO DE CARVALHO

GRUPO CORPO

As obras desse núcleo partem de uma ideia de narrativa, uma narrativa criada para o teatro, são desenhos de figurinos e indumentárias para peças nem sempre realizadas. A imaginação para construção de novos mundos encontra no mundo real materializações outras, não necessariamente opostas, nem contraditórias, mas que também vivem, coexistem.

LEONILSON

VICENTE DO REGO

MONTEIRO

Ao retornar de Paris encantado com os balés russos, Vicente do Rego Monteiro mergulha no estudo das lendas indígenas brasileiras para criar seu próprio bailado. Desse trabalho restaram apenas os desenhos produzidos entre 1920-21 inspirados nas lendas amazônicas, pertencentes ao Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo (MAC-USP).

Caso semelhante ocorre com os desenhos de Flávio de Carvalho para o balé A Cangaceira que tinha como mote o cangaço nordestino, mas com uma mulher protagonista. Concebido para as comemorações do IV Centenário de São Paulo em 1954, devido a questões políticas nunca foi apresentado na cidade. Os desenhos de Leonilson foram criados para o grupo Asdrubal Trouxe o Trombone, onde podemos ver indicações dos figurinos para Regina Casé, Luiz Fernando Guimarães entre outros integrantes.

Já os figurinos de Freusa Zechmeister para o Grupo Corpo revelam a potência do movimento e a angulosidade do corpo, marca inconfundível da companhia. As malhas criadas para Breu (2007) e Sem Mim (2011) engrandecem a dança pelo contraste dinâmico das estampas. Numa direção semelhante podemos olhar para as fotografias de Claudia Andujar dos indígenas da etnia Xicrin-Kayapó. As pinturas e adereços tradicionais normalmente reservados para dias de festa enfeitam seus corpos, nos permitem por um breve momento partilhar dessa conexão humana.

Reforçando a necessidade de renovar o olhar sobre história dos negros escravizados a obra de Aline Bispo nos lembra do quanto é imprescindível o contato com o passado para costurar um futuro mais igualitário. E, sob o signo da delicadeza a obra de Efrain Almeida nos atravessa. A carga afetiva de sua história combina elementos da cultura popular nordestina com aspectos autobiográficos de modo lírico.

Entrepanos

CURADORIA
RICARDO RIBENBOIM
RACHEL VALLEGO

RUPTURAS DO MODERNO E CONTEMPORÂNEO
NA CASA FIAT DE CULTURA

HORÁRIO DE FUNCIONAMENTO:
TERÇA-FEIRA, DAS 10H ÀS 21H;
QUARTA A SEXTA-FEIRA, DAS 10H ÀS 19H;
SÁBADOS, DOMINGOS E FERIADOS, DAS 10H ÀS 18H
VISITAS AGENDADAS SOB CONSULTA
TODA PROGRAMAÇÃO É GRATUITA

PRAÇA DA LIBERDADE, 10 - FUNCIONÁRIOS
BELO HORIZONTE - MG, 30140-010

WWW.CASAFIATDECULTURA.COM.BR



Patrocínio:

FIAT



Banco Safra

USIMINAS

60 ANOS

usina colorado

Copatrocínio:

Apoio:

brose

Instituto USIMINAS

AMIGOS DA CASA

CIRCUITO LIBERDADE

CULTURA E TURISMO

MINAS GERAIS

GOVERNO DIFERENTE. ESTADO EFICIENTE.

CASA FIAT DE CULTURA

Realização:

SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA

MINISTÉRIO DO TURISMO

PÁTRIA AMADA BRASIL GOVERNO FEDERAL